

FONTE : D. G. W. B. S.

CLASS. : Patentes

DATA : 13 03 90

PG. : 21

BPAR0001

Economistas propõem patentear Amazônia

BERENICE BITTENCOURT
especial para O GLOBO

E se o Brasil, ao invés de gritar a sua soberania nacional, aplicasse as leis do mercado econômico para contrapor os ataques internacionais a respeito da floresta amazônica? Esta é uma questão que começa a surgir nos meios econômicos europeus e principalmente entre aqueles que desenvolvem a teoria do meio ambiente aplicado à economia. Nesta perspectiva, dois economistas da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (UNCTAD), Eduard Dommen e Ulrich Cording, propõem a aplicação do imposto sobre o ar puro e a mudança das riquezas da floresta em patentes.

A idéia da aplicação do imposto parte do princípio de que quem quiser respirar ar puro vai ter de pagar pelo serviço prestado pela floresta amazônica ao planeta Terra. Eles explicam que esta proposta vai ser transformada em documento a ser apresentado na Conferência sobre o Meio Ambiente, a ser realizada no Rio de Janeiro, em 1992. A aplicação do imposto sobre o ar puro à comunidade internacional seria relativa ao grau de poluição atmosférica produzida principalmente pelos países industrializados. Quem polui terá de pagar em cotas o equivalente ao índice de contaminação em troca da preservação de áreas que absorvem uma quantidade enorme do gás carbônico, como é o caso

da floresta amazônica.

O grande debate sobre os serviços da floresta amazônica ainda é um embrião, mas pelas opiniões dos dois economistas da UNCTAD o tema recai sobre os debates que ocorrem na rodada Uruguai de negociações do Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio). Para ele, provavelmente a rodada Uruguai será encerrada no fim deste ano com a inclusão da propriedade intelectual nas normas do GATT. Uma vez que o Brasil transforme as riquezas da floresta em patentes, os países ricos deverão pagar cotas sobre a vida e a natureza.

Antes, tudo ocorria na base do amor à camiseta, argumentam os dois economistas. Hoje, tudo se transformou em uma questão de negócios. O melhor exemplo dado pelos dois economistas é o da seringueira. O Brasil nunca patenteou a seringueira e acabou vendo uma fonte de riqueza ser levada para a Ásia através das sementes da planta, que terminou com o monopólio nacional da borracha vegetal.

Os serviços prestados pela floresta amazônica, englobam ainda uma riqueza científica não mensurável e ainda desconhecida, a filtragem das águas e a fertilidade dos solos. Além disso, eles acham que o Brasil ainda não explora com a devida eficiência as riquezas dos sub-produtos da floresta, como as castanhas do Pará e outros, que não destroem a natureza, mas que são um importante dado na economia.